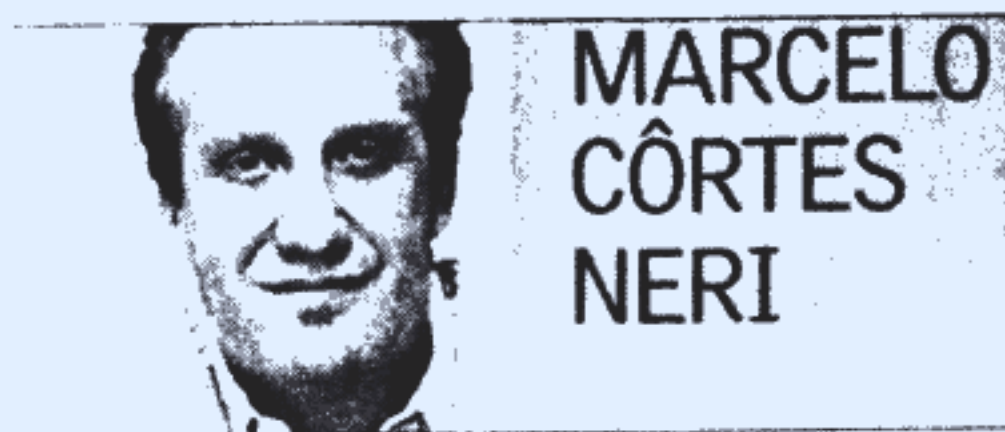


# De volta para o futuro da globalização



**MARCELO  
CÔRTEES  
NERI**

**A**lguns colonistas do **Valor**, em particular Eliana Cardoso, costumam explorar analogias com personagens e roteiros de obras de ficção advindas do cinema, do teatro e da literatura. A cena mundial nos idos do século XXI não decepcionou mesmo às expectativas mais fantasiosas sobre as surpresas que a virada do milênio poderia proporcionar. Se a realidade virasse enredo de filme, seria provavelmente criticado pelo excesso do roteirista. Senão vejamos:

**Ato 1** — A queda das Torres Gêmeas do World Trade Center em dois lances explorou característica-chave do nosso tempo, a conectividade em tempo real. O primeiro avião fez com que todos sintonizassem seus sentidos globais — leia-se TV, internet etc — no acidente acontecido no coração de Nova York, cidade povoada de cinegrafistas profissionais e amadores. Para no segundo momento, o da entrada do outro avião na outra torre, todos juntos se aperceberem que estávamos vivendo ao vivo e a cores, não um acidente mas um atentado terrorista de proporções históricas. Os ataques derrubaram o símbolo supremo do capitalismo mundial.

A queda das Torres Gêmeas está para

a primeira década do século XXI como a queda do Muro de Berlim esteve para a última década do século XX. O ruir destas obras da arquitetura simboliza momentos cruciais da história, da guerra fria à globalização e desta a uma nova forma de integração internacional. O período que se seguiu à queda do muro de Berlim foi denominado de era da globalização. Não foi um fenômeno instantâneo mas a pedra fundamental desse processo pode ser encontrada nos escombros do muro. O inusitado ataque em dois lances às torres, símbolo da supremacia americana, sob os olhos atentos do mundo, batiza nova fase de integração mundial mas que globalização seria esta?

**Ato 2** — Bush pai, Bush filho — A queda do Muro de Berlim ocorrida nos idos da administração de George Bush, pai, elevou os Estados Unidos ao papel de solitária superpotência mundial. Os EUA viveram forte prosperidade nos anos 90, ao passo que as dez maiores quedas de PIB per capita no período 1990-1996 ocorreram nos fragmentos da antiga União Soviética. O problema desta nova etapa é a falta de adversários militares e econômicos à altura. A exceção foi o conflito com o Iraque induzido pela invasão do Kuwait, que inaugurou um novo voyeurismo militar onde, graças à tecnologia da informação, podemos satisfazer nossa curiosidade bélica no conforto dos nossos lares assistindo pela TV cenas reais como estivéssemos diante de um vídeo game. A primeira guerra dos

EUA com Iraque ocorrida em 1992, no início da do último ano da Gestão Bush pai, apesar de aumentar conjuntamente a sua popularidade, não foi suficiente para emplacar sua reeleição, pois a economia demorou a se recuperar.

Já a tragédia das torres gerou dois subprodutos políticos para seu filho George Bush. Em primeiro lugar, levou a níveis até então desconhecidos a sua popularidade, abalada desde a duvidosa eleição de 2000. Por coincidência, Bush estava em 11 de setembro de 2001 na Flórida, governada por seu irmão Jeb, onde ocorreram eventos eleitorais típicos de “repúblicas de bananas”.

Em segundo lugar, Bush filho enxerga o episódio de 11 de setembro como uma espécie de Pearl Harbor, 60 anos depois, justificando um acerto de contas com os inimigos de seu pai, mesmo sem haver provas definitivas, ou mesmo circunstanciais do envolvimento de iraquianos nos atentados de 11 de Setembro, ou na posse de armas de destruição em massa. Bush invade o Iraque, matando os dois filhos do inimigo de seu pai para, por fim, prendê-lo sujo, barbudo e descabelado dentro do buraco onde ele se meteu. O troféu de guerra recém-conquistado aliado a um ajuste do cronograma do julgamento de Saddam Hussein ao calendário eleitoral que se avizinha constitui trunfo valioso de Bush, filho. O problema desta História é que ela apresenta mais ares de tragédia grega do que de filme americano. Agora se for como tal pai, tal filho a sorte de George W. Bush estaria selada.

**Ato 3** — Lula Lá — Agora existe insatisfação com a globalização de ordem diversa. A começar pela descaracterização de tradições culturais locais pelo consumismo global. As sucessivas crises expuseram a volatilidade inerente do sistema atual, uma verdadeira era da incerteza. As vozes ativas dos perdedores da abertura, como empresários e trabalhadores afetados, somado ao silêncio dos emergentes desorganizados. A frustração também deriva de não chegarmos a ter como consumidores o que passamos a querer, e como cidadãos passarmos a

## Como numa tragédia grega, Bush mata os dois filhos do inimigo de seu pai para depois capturá-lo como um troféu dentro de um buraco

sentir todo dia na TV, a miséria e a guerra do outro lado do mundo. Talvez a maior frustração derive do cinismo da abertura assimétrica dos mercados, da globalização não dividir os seus frutos pela aldeia global.

A imagem da década de 90 foi a criação da internet, a rede mundial de computadores. A da presente década pode ser a formação de uma rede de proteção social também em escala global. Mas que políticas podem constituir o tecido desta rede social? Como introduzir um viés pró-equidade no funcionamento das economias de mercado?

O Brasil dispõe na percepção de alguns da oportunidade de ocupar a vanguarda mundial da busca de uma globalização mais humana e solidária, até pela aversão a consensos da atual liderança de Washington. A eleição de Lula é simbólica da insatisfação, não só brasileira, com a globalização, intensificada com as reações americanas ao 11 de setembro. Por outro, Lula desempenha hoje papel ativo de articulador de mudanças da ordem econômica mundial. O reconhecimento de que o fim da fome está ao nosso alcance. De que a abertura dos mercados principalmente da forma como tem sido conduzida, não é uma panacéia a que todos males espanta. De que o mercado pode gerar eficiência econômica mas não resolve, por si, injustiças sociais.

O presidente Lula acaba de relançar idéia de campanha internacional para financiar a criação de fundo para o combate a fome e a pobreza a base de impostos sobre fluxos de capital. Ressuscitando a idéia do “Tobin Tax”. A diferença está na proposta adicional de uso de impostos adicionais sobre a venda de armas. Vamos ficar sintonizados aos próximos acontecimentos desta história que está mais viva do que nunca.

**Marcelo Côrtes Neri**, chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e professor da EPGE/FGV, é autor de “Retratos da deficiência no Brasil”, “Cobertura previdenciária: diagnóstico e prescrições de políticas” e “Ensaio sociais”. E-mail: mcneri@fgv.br